

## 7º DOMINGO DE PÁSCOA

12 DE MAIO DE 2024

JOÃO 17.11b-19

### 1. Tema do Domingo

Dentro do calendário litúrgico, o 7º Domingo de Páscoa é o “gran finale” do Ciclo Pascal, que teve início na Quarta-Feira de Cinzas com a lembrança de que somos pó e ao pó tornaremos, mas que agora, por causa da ressurreição de Cristo Jesus e sua ascensão, esse pó será levantado novamente (ressuscitará) e será revestido de imortalidade na gloriosa vinda do redivivo Filho do Homem. É também a transição entre o Ciclo Pascal e o Tempo Comum da Igreja, que tem início na Festa de Pentecostes e cuja temática tange o crescimento numérico e individual com base na Palavra de Deus.

O tema do domingo, que geralmente é direcionado pela leitura do evangelho, nos leva ao cuidado que Jesus teve com os seus primeiros seguidores ao interceder por eles junto ao Pai, tendo em vista que o seu tempo no mundo estava chegando ao fim e, a partir daquele momento, não iria mais acompanhá-los no seu estado de humilhação. De maneira especial, a sua intercessão tem a ver com a santificação dos seus na palavra da verdade que ele havia revelado da parte do Pai, para que, à sua semelhança, fossem enviados ao mundo para viverem como justos no meio de ímpios e proclamarem a verdade do evangelho: quem tem Cristo, tem a vida eterna.

Com base nisso, passemos às leituras:

**Salmo 1:** Salmo que nos lembra que há apenas duas formas de se viver ou dois caminhos: ser justo ou ser ímpio. Além de eles terem formas diferentes de viver o agora – e esta forma está diretamente relacionada à Lei do Senhor e sua meditação –, o que os diferencia também está ligado aos seus destinos no juízo: o justo será “bem-sucedido” (v. 3 – NAA), enquanto o ímpio “perecerá” (v. 6 – NAA).

**Atos 1.12-26:** Lucas relata dois acontecimentos pós-ascensão e pré-pentecostal: 1) os discípulos mantiveram a prática de se reunir no cenáculo e orar pelo derramamento do Espírito prometido; 2) Pedro, como porta-voz, sugeriu que um dos homens que acompanharam todo o ministério de Jesus se tornasse “testemunha da ressurreição” (v. 22 – NAA) para “preencher a vaga” no ministério e apostolado de Judas, o traidor, resultando na escolha de Matias como parte dos doze representantes de Cristo enviados para proclamar a verdade do evangelho até os confins da terra.

**1João 5.9-15:** João fala em sua primeira carta a respeito do testemunho que Deus dá sobre o seu Filho, Jesus Cristo. A verdade do evangelho não está baseada em testemunho humano, e por isso o seu ensino tem caráter divino: aquele que tem/crê no Filho tem a vida eterna; aquele que não tem/crê,

não tem a vida. João diz isso para que os que creem no nome do Filho de Deus não tenham dúvidas de que têm a vida eterna. Essa confiança é o que motiva os crentes a pedirem o que necessitam, pois é para isso que Jesus subiu aos céus: para nos ouvir e ser o nosso mediador/sacerdote junto ao Pai.

**João 17.11b-19:** Esta é a segunda porção da oração de Jesus registrada no capítulo 17. A ênfase deste trecho está no pedido de proteção, santificação e unidade dos discípulos, uma vez que quem fazia este papel junto deles era o próprio Jesus, mas que agora estava prestes a voltar ao Pai. Os discípulos precisariam ser guardados pelo Pai na verdade, pois à semelhança de Jesus, seriam enviados para o mundo a fim de proclamar essa verdade, o que acarretaria ódio da parte do mundo que não aceita as coisas de Deus – especialmente sua autorrevelação no Filho.

## 2. Destaques do (con)texto

A “oração sacerdotal”<sup>1</sup> registrada pelo apóstolo João foi feita na quinta-feira à noite, após a última ceia de Jesus com seus discípulos (cap. 13) e o seu “discurso de despedida” (caps. 14-16). A partir de João 14.31, é possível afirmar que eles estavam saindo do cenáculo, e a continuação do texto nos leva à compreensão de que estavam caminhando em direção ao vale do Cedrom, chegando ao jardim do Getsêmani (18.1). Assim, Jesus estava vivendo os seus últimos momentos com os discípulos antes de ser preso, condenado e morto; estava se aproximando a sua volta ao Pai, e sua missão aqui no mundo estava terminando.

A perícopes começa com o vocativo “Pai santo” (v. 11b), única vez no Novo Testamento em que a forma de tratamento é usada para o Pai, e com um pedido de que os seus discípulos sejam guardados no nome do Pai, ou seja, que permaneçam firmes na revelação que o próprio Jesus tem mediado a eles, com um objetivo: a fim de serem um. Em outras palavras, eles só poderiam ser um (uma coisa só), como Jesus e o Pai são, se permanecessem na revelação graciosa do Pai no Filho. Dessa forma, dizer “guarda-os em teu nome” traz uma inevitável conexão com o v. 17: “santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade”. A origem da santidade de Jesus e da dos seus discípulos está ligada com o “Pai santo”, e a persistência na verdade do Pai revelada no Filho é uma das características da santificação e da unidade.

Durante o seu ministério, Jesus cumpriu fielmente sua tarefa de proteger os seus discípulos da “perdição”, isto é, de se desviar da revelação do Pai – exceto Judas, para que se cumprisse a Escritura (cf. At 1.20). O termo usado para se referir a Judas é “filho da perdição” (*ho huios tês apôleias*), podendo estar relacionado tanto ao seu caráter ímpio quanto ao seu destino, uma vez que *apôleia* geralmente se refere à condenação escatológica. E aqui podemos fazer uma conexão com o tema anterior: a unidade dos discípulos não está relacionada à uma fragmentação do grupo, mas à perdição de alguém do grupo, como aconteceu com Judas. Ele não permaneceu na verdade, e por isso pereceu.

---

<sup>1</sup> É assim denominada pois Jesus ora de forma mediadora (uma tarefa sacerdotal) pelos seus discípulos e pelos que haveriam de crer, bem como por si mesmo.

Por estar indo para junto do Pai, Jesus diz *estas coisas* para que tenham alegria. Que coisas são estas? Seriam apenas as palavras da oração ou o discurso de despedida como um todo? O mais provável é a segunda interpretação. Palavras semelhantes são usadas em João 15.11, por exemplo, e o que está sendo dito na ocasião é que a alegria completa depende do fato de permanecer no amor do Pai e na consequente guarda dos mandamentos em amor. Assim, mais uma vez, agora em forma de oração ao Pai, Jesus está pedindo para que os discípulos sejam mantidos em segurança, sem se desviarem da verdade/revelação do Pai, para que assim tenham alegria completa.

No entanto, essa alegria completa inevitavelmente virá acompanhada de ódio. “Não ser do mundo” tem relação com João 15.19, ou seja, “ser escolhido”, e a consequência de ser escolhido é crer na revelação do Pai santo. Não há nada que irrite mais o mundo do que isso, pois os que “não são do mundo” trazem consigo a manifestação do mal que há no mundo, ou seja, a negação da verdade e a rejeição da palavra por parte daqueles que “são do mundo”. Se quisermos ver exemplos de ódio, basta conhecermos o que fizeram com Jesus e os apóstolos após. Apesar disso, Jesus não ora ao Pai para que “os tire do mundo”, mas para os proteger do Maligno (*ek tou ponêrou*)<sup>2</sup>, a fim de permanecerem no mundo e, protegidos pelo Pai, darem testemunho da verdade – com a ajuda do Paracleto que viria (Jo 15.26,27).

Jesus ainda pede para que seus discípulos sejam “santificados”, que pode ser entendido como “separados para um propósito santo”. Ele deixa claro o *meio* da santificação: “*na/com a verdade; a tua palavra é a verdade*” (v. 17). Interessante que Jesus não diz “a tua palavra *contém a verdade*”, mas que ela *é a verdade*. Isso quer dizer que ninguém pode ser santificado se não conhecer a palavra da revelação mediada pelo Filho. Todo aquele que viver em conformidade com a verdade será santificado, afinal, quem santifica é o Pai santo que a revelou.

A relação que há nos últimos versículos da perícopes é interessante, pois trata da finalidade da santificação: assim como Jesus foi enviado ao mundo e se santificou/consagrou em favor dos seus discípulos – evocando uma linguagem sacrificial –, assim também ele pede ao Pai que eles sejam santificados/consagrados e enviados ao mundo (v. 18,19), tendo em vista que eles dariam continuidade à missão de proclamar a verdade do evangelho. Eles foram os primeiros *escolhidos do mundo* que seriam *santificados na verdade e enviados* de volta ao mundo para proclamar a verdade aos que não a conhecem nem nela vivem, para que tenham a oportunidade de ter a alegria completa que eles tiveram ao ver o Cristo ressurreto, exaltado e vitorioso.

### 3. Aspectos homiléticos

Na última quinta-feira, 9 de abril, comemoramos o dia da ascensão, quando Jesus subiu aos céus e se assentou à destra do Pai. Lembramos que a missão de Jesus aqui no mundo está completa e o

---

<sup>2</sup> É possível interpretar num sentido abstrato (“do mal”), mas também é possível interpretar como uma referência ao diabo.

plano da salvação foi concretizado. Em meio a isso, alguém poderia se perguntar: “por que Jesus subiu ao céu e nos abandonou? O que Jesus está fazendo de tão importante nos céus?” A resposta para essas perguntas é extremamente confortadora: Jesus não voltou ao Pai simplesmente para abandonar as pessoas, mas para envolver para sempre o mundo inteiro consigo, preparar um lugar para cada um de nós na casa do Pai e interceder ao Pai por nós – este último consiste no seu ofício sumo sacerdotal. É o que o apóstolo Paulo escreve na carta aos Romanos, no capítulo 8: “Jesus é aquele que está pedindo e intercedendo a Deus em nosso favor”. Mas, afinal de contas, o que ele pede ao Pai? Ora, o capítulo 17 do evangelho conforme João nos dá uma boa noção da sua intercessão. Embora tenha sido feita antes da sua ascensão, ela continua sendo válida após.

Liturgicamente, a oração sacerdotal é dividida em três partes, cada uma lida em ano da série trienal. Neste ano (Trienal B), observamos a segunda parte, quando Jesus intercede pelos discípulos que o acompanharam durante o seu ministério. Eles deveriam permanecer firmes na palavra da verdade para que, quando o Espírito Santo fosse derramado e eles fossem enviados, não se misturarem com o “mundo”, que é intrinsecamente mal e está sob o poder do diabo. Isso, porém, não significava dizer que eles deveriam “sair” do mundo para se protegerem na segurança da separação, consagrando-se em muros criados por mãos humanas. Jesus nos mostra que a caminhada cristã é intrinsecamente perigosa – o mundo odiará os de Cristo como o odiou –, mas a segurança que somente o próprio Deus providencia está garantida, tão certo como as orações do seu próprio Filho amado serão respondidas.

É por isso que a unidade cristã que existiu entre os apóstolos continua até hoje. Por terem sido santificados na palavra, se juntaram à congregação dos “justos” citados no Salmo 1. Além disso, a Una, Santa e Apostólica Igreja perdurará até o fim dos tempos, pois haverá intercessão de Cristo por ela, a proteção do Pai e a santificação na verdade, promovida pelo Espírito Santo, que foi derramado após Pentecostes. Fazer parte dela é ter/crer Cristo e, conseqüentemente, ter a alegria completa e a vida eterna. Para tanto, o próprio Cristo nos deixou meios para sermos santificados: a palavra do Pai santo, santo batismo e santa ceia. Quem nega isso, nega o próprio Cristo, e, por conseguinte, se junta ao grupo dos ímpios e “filhos da perdição”.

Rev. Matheus Ohnesorge Herz